

Marx, a Internacional e as *trade unions**

MARCO VANZULLI**

Marx, o nascimento da Internacional e as *trade unions*

No momento da proclamação da República francesa, no dia 4 de setembro de 1870, Marx e Engels comprometem-se com seu suporte internacional. Nas reuniões do Conselho Geral da Internacional, que tinha sede em Londres e na época servia também como Conselho Federal Britânico da Internacional, eles atuaram para o reconhecimento da República por parte da Grã-Bretanha. O debate dentro do Conselho Geral sobre esse assunto amplia-se até discutir o modelo republicano em si. Por exemplo, na reunião do Conselho Geral do dia 28 de março de 1871, Engels afirma que, embora a sociedade americana fosse tão opressora quanto a inglesa, “a república proporcionou um terreno favorável à mobilização dos operários” (Marx; Engels, 2008, p.592). De resto, de 1848 até a década de 1860, Marx dedicou-se justamente “aos temas da unificação nacional alemã sobre bases democráticas, com a proposta da república unitária, baseada na ampla aliança, não apenas política, com os setores emergentes da oposição burguesa das cidades e com a pequena e a pequeníssima burguesia camponesa” (Bravo, 1979, p.11).¹ E Marx acrescenta, justamente, depois de Engels, na mesma reunião do dia 28

* Traduzido para o português por Gualtiero Marini.

** Professor de Filosofia da Università degli Studi de Milano-Bicocca. Colaborador internacional de *Crítica Marxista*.

1 A partir de 1866, depois de Sadowa, não havia mais perspectiva para uma revolução nacional, com a burguesia alemã que foi sempre considerada covarde e um proletariado ainda fraco; e os próprios Marx e Engels, assim como Schweitzer (diferente de Liebknecht e Bebel), consideravam a unidade nacional na grande Prússia como o terreno mais apropriado para a luta de classes (Mehring, 2014).



de março de 1871, que, apesar do caráter retrógrado e conservador do republicanismo pequeno-burguês, um movimento em favor da república tem dentro de si a tendência a ampliar-se e tornar-se “social”.² Por motivos similares, Marx acreditava que sem a independência e a unificação nacional irlandesa não seria possível agir revolucionariamente na Inglaterra e, portanto – já que a Inglaterra era a “metrópole do capital” –, toda a revolução europeia estaria comprometida.³

Marx mostrou essa tendência em direção à universalização do socialismo em outros textos da mesma época. Na reunião do Conselho Geral do dia 23 de maio de 1871, ele expressou essa opinião sobre a Comuna:

No que diz respeito à luta em Paris disse temer que o fim fosse próximo (de fato, a resistência dos *communards* acabou entre os dias 28 e 29 de maio e o manifesto *A Guerra civil na França* foi aprovado pelo Conselho geral na reunião do dia 30 de maio), mas que mesmo se a Comuna fosse derrotada, a luta só seria adiada. Os princípios da Comuna eram eternos e não podiam ser destruídos; seriam repetidamente afirmados até que a classe operária fosse emancipada. (Marx; Engels, 2008, p.609)

Essa é uma afirmação que pode ainda ser interpretada no sentido de um certo otimismo historicista do século XIX, que às vezes aparece em Marx, cuja

2 “O cidadão Marx estava convencido de que nenhum movimento republicano poderia se tornar algo sério sem se tornar social. Os que lideravam o atual movimento republicano obviamente não compreendiam isso” (Marx; Engels, 2008, p.592).

3 Na Irlanda existiam condições específicas que foram bem ilustradas por Mehring. Marx, de fato, estava convencido de que “a liberdade do povo irlandês era uma condição necessária para a emancipação da classe trabalhadora inglesa, da qual, por sua vez, dependia a emancipação do proletariado europeu. Ele sentia que a derrubada da oligarquia latifundiária inglesa seria impossível enquanto essa tivesse sua posição fortemente consolidada na Irlanda. Tão logo o povo irlandês conseguisse tomar conta de seu próprio destino – elegendo seus legisladores, apontando seu governo – e se tornasse autônomo, a destruição da aristocracia latifundiária, que era constituída na maior parte de proprietários ingleses, seria muito mais fácil do que na Inglaterra, porque na Irlanda não era uma questão meramente econômica, mas uma questão nacional. [...]. No que dizia respeito à burguesia inglesa, ela tinha um interesse comum com a aristocracia inglesa em fazer da Irlanda um mero pasto para prover o mercado inglês com carne e lã praticando os menores preços possíveis. Mas, além disso, tinha razões ainda mais importantes para desejar a continuidade do regime existente na Irlanda. Devido à rápida e crescente concentração de terra, a Irlanda garantia um grande excedente de sua população para o mercado de trabalho inglês, reduzindo assim os salários e a posição material e moral da classe trabalhadora inglesa. Em todos os centros industriais e comerciais da Inglaterra, a classe trabalhadora estava dividida em dois campos hostis: os trabalhadores ingleses de um lado e seus camaradas irlandeses do outro. O trabalhador comum inglês odiava o trabalhador irlandês como concorrente e se sentia superior como membro de uma raça dominante, tornando-se assim instrumento da aristocracia e dos capitalistas contra a Irlanda e ao mesmo tempo fortalecendo a dominação destas classes sobre si mesmo. [...]. A tarefa mais importante da Internacional era acelerar o desenvolvimento da revolução social na Inglaterra, a metrópole do capital, e o único meio para este fim era garantir a independência da Irlanda. A Internacional deveria vir a público abertamente ao lado da Irlanda em qualquer ocasião possível, e o conselho geral deveria fazer seu melhor na tarefa de convencer os trabalhadores ingleses de que a independência nacional na Irlanda não era apenas uma questão de justiça abstrata e de simpatia humana, mas a condição preliminar para sua própria emancipação social” (Mehring, 2014, p.380-381).



finalidade é encontrar no momento histórico contemporâneo (dele) os elementos contraditórios que tendem à superação positiva da formação social presente – mesmo que isso não significasse necessariamente que Marx devesse ser considerado como defensor de uma filosofia da história, de uma teleologia da emancipação. No conjunto do pensamento marxiano, o processo de emancipação aparece muito mais complexo e articulado. A não homogeneidade dos diferentes textos marxianos, de fato, impõe uma leitura muito cuidadosa do contexto teórico e de seus objetivos práticos e cognitivos.⁴ De qualquer forma, esta referência à república não tem que ser considerada como relativa à república em si, como forma social, mas sim à república considerada como a forma política mais adequada à luta de emancipação do proletariado, já que a reflexão marxiana é baseada, pelo menos a partir de 1844 com as *Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”* (Marx, 2011a), em uma firme recusa do Estado. Isto é evidente na própria *Guerra civil na França*, onde Marx escreve:

O brado de “República social” com que a Revolução de Fevereiro foi anunciada pelo proletariado de Paris não expressava senão a vaga aspiração de uma república que viesse não para suprimir a forma monárquica da dominação de classe, mas a dominação de classe ela mesma. A Comuna foi a forma positiva dessa república. (Marx, 2011b, p.56)

Ainda no segundo esboço desta obra está escrito:

Com o mesmo ritmo com que o progresso da indústria desenvolvia, ampliava e intensificava o antagonismo de classe entre capital e trabalho, o poder governamental assumia cada vez mais o caráter de um poder nacional do capital sobre o trabalho, de uma força política organizada para impor a servidão social, de um mero motor do despotismo de classe. Por trás de cada revolução popular, que marca uma nova fase progressiva na marcha (desenvolvimento) (curso) da luta das classes (luta de classes) [*marking a new progressive phase in the march (development) (course) of the struggle of classes (class struggle)*], o caráter repressivo do poder estatal apresenta-se mais impiedoso e desprovido de qualquer disfarce. (Marx; Engels, 1986, p.548; 2008, p.555-556)

Justamente durante o período da Comuna, e após seu fim, Marx e Engels são obrigados, por meio de comunicados, de desmentidos e avisos a diferentes órgãos de imprensa, a defender repetidamente a Internacional dos ataques e das calúnias

4 Para uma leitura do pensamento de Marx não como filósofo da história, mas como “materialista prático”, atento às rupturas de uma crise capitalista, não no futuro, conforme Marx havia pensado em um primeiro momento, mas sempre em andamento, ver M. Tomba (2011).

que sofria pela imprensa moderada.⁵ Entre outras, não faltavam as acusações pessoais a Marx, considerado como “*le grand chef de l’Internationale*”,⁶ e por isso alvo de críticas falsas ou desprezíveis.⁷ Marx havia participado das reuniões constitutivas da Internacional em setembro de 1864,⁸ mas não dos debates preliminares que começaram ainda em setembro de 1862. Obviamente, em seguida ele liderou e dirigiu a Internacional, porém,

apesar desse indubitável papel de guia de Marx (e com ele de Engels), o marxismo na Internacional não foi dominante, não foi a doutrina mais difundida, nem um fator ideal de referência, para uma base social de fato composta e não homogênea. Aliás, “marxiano” e “marxista”, já na década de 1850, e ainda mais na década seguinte, eram termos depreciativos utilizados pelos adversários, em particular pelos bakuninistas, para denunciar o personalismo e o centralismo daqueles que, de forma diferente, faziam referência à lição de Marx. (Bravo, 1979, p.8)⁹

De fato, desde o começo, a linha política e organizacional de Marx, em vez de ser hegemônica, teve de conviver com a presença de elementos com uma origem ideológica muito diferente. No início, dominava o grupo mutualista proudhoniano, depois haviam os *mazziniani* – tanto os mutualistas quanto os *mazziniani*, de qualquer forma, abandonaram a associação antes de 1870 –, os trade-unionistas

5 Conforme o relatório de seu discurso na reunião para comemorar os sete anos da Internacional, Marx disse que: “As perseguições dos governos contra a Internacional eram como as perseguições da antiga Roma contra os primeiros cristãos. Eles também eram poucos, no começo, mas os patrícios romanos perceberam instintivamente que se os cristãos tivessem se imposto, o império romano seria perdido. As perseguições de Roma não teriam salvado o império, e as perseguições atuais contra a Internacional não teriam salvado o atual estado das coisas” (Marx; Engels, 2008, p.706-707).

6 Foi com esse apelido que Marx foi chamado mais de uma vez em março de 1871 pelo jornal parisiense *Paris-Journal*.

7 Ver, entre outros, o artigo de Giuseppe Mazzini (1871).

8 “Na assembleia [o *meeting* de 28 de setembro de 1864 na St. Martin’s Hall de Londres] Marx foi convidado graças à mediação de um militante alemão emigrado em Londres depois de 1848 e ativo dentro do movimento sindical inglês, o alfaiate Georg Eccarius. Marx apresentava-se como observador externo, isolado: um dos seus adversários internos mais irredutíveis, James Guillaume disse, anos depois, que ele, assim como o cuco, havia feito o ninho no trabalho realizado conjuntamente pelos trabalhadores franceses e ingleses (J. Guillaume, 1915, p.I-IV). Marx, ao contrário, servia-se apenas da fama de seu passado político, de seus estudos científicos (que circulavam também nos ambientes operários) e de suas sínteses jornalísticas. Ele foi escolhido para fazer parte do comitê eleito desde a primeira reunião com a finalidade de dirigir ‘provisoriamente’ a associação, que acabava de ser fundada, e de elaborar seus estatutos, em conjunto com cidadãos ingleses, franceses, poloneses, alemães, suíços, dinamarqueses e italianos. Em pouco mais de um mês, apesar das faltas por indisposição, Marx conseguiu reverter os princípios meramente humanitários e vagamente democráticos, de inspiração mazziniana, aprovados pela assembleia, e conseguiu reunir em um programa socialista de classe ambições e necessidades diferentes, que iam do concretismo dos trade-unionistas até as aspirações genéricas dos patriotas poloneses e húngaros exilados e dos mazzinianos, do corporativismo obreirista dos proudhonianos franceses para chegar finalmente até o internacionalismo classista dos ‘teóricos’ e dos herdeiros da Liga dos comunistas” (Bravo, 1979, p.16-17).

9 Cf. também Haupt (1978, p.115 ss.) e AA.VV. (1978, p.291 ss.).

ingleses, os coletivistas – no começo com uma presença exígua – e um grupo ligado a Marx. Na última fase da Internacional eclodiu um conflito à direita, com os membros próximos do trade-unionismo inglês – o reformismo do grupo de direita do Conselho Geral era expressão do fato de que o movimento operário inglês, por meio da atuação das *trade unions*, havia abandonado o socialismo em favor das teorias liberais, através de um processo começado já na década de 1850 com a extinção do cartismo (Hobsbawm, 1985, p.102-103)¹⁰ –, e também, por outro lado, com os elementos ligados ao anarquismo, que constituíam a maioria, não no seio do Conselho Geral, mas em quase todos os Conselhos federais nacionais.¹¹

Quanto ao sindicalismo (inglês e francês) oriundo da Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx insistiu na necessidade de unir a luta econômica e a luta política, para que a Internacional não se limitasse a meta-sindicato, reivindicando apenas melhorias na condição do trabalho operário. Tratava-se, ao contrário, da organização internacional da luta do trabalho contra o capital. Respondendo, no começo de julho de 1871, a um jornalista estadunidense que lhe pergunta qual seria o objetivo da associação, Marx afirma:

A emancipação econômica da classe operária através da conquista do poder político. O uso daquele poder político para alcançar finalidades sociais. É necessário que nossos fins sejam tão abrangentes até incluir qualquer forma de atividade da classe operária. Se tivéssemos atribuído a eles um caráter particular, teriam sido apropriados para as necessidades de uma única seção – de uma única nação de operários. Mas como fazer para pedir a todos os homens de juntar-se para realizar os objetivos de uma minoria? Se tivesse feito assim, a associação teria sido obrigada a abrir mão de sua denominação de Internacional. A associação não impõe aos movimentos políticos as formas que eles devem adotar; ela demanda apenas um compromisso com seus fins. É uma rede de sociedades filiadas disseminadas no mundo do trabalho inteiro. Em cada parte do mundo, o problema apresenta-se

10 Hobsbawm nota como Marx e Engels, apesar do envolvimento parcial da Inglaterra na revolução de 1848, mantiveram a esperança em uma retomada do movimento operário inglês: “Em princípios da década de 1850, ficou claro que uma nova era de expansão capitalista começara, tornando a revolução muito menos provável; e quando nem sequer a grande crise mundial seguinte – a de 1857 – levou de fato a um renascimento do cartismo, tornou-se óbvio que já não podiam esperar muito do movimento operário inglês. E, de fato, não esperaram muito dele durante o resto da vida de Marx e suas referências ao movimento expressam uma crescente decepção” (Hobsbawm, 1985, p.103).

11 Esta é a periodização da história da Internacional conforme Gian Mario Bravo: “a) época de formação organizacional e de fundação teórica (1864-1868/69); b) período de fortalecimento internacional e de construção política regional-local (1869-1870); c) período de fervor revolucionário e de contraposição global de classe (1871-1872); d) período de crise internacionalista exterior, de difusão em amplitude e de afirmação do ‘socialismo científico’ (1873-1875); e) fim da Internacional e premissas para um novo internacionalismo (1876-1877)” (Bravo, 1979, p.26). Não pretendo contestar esta periodização, porém me parece que, já na Conferência de Londres, estivessem em Marx e Engels os primeiros sinais de um abandono do projeto da Internacional, apesar da resistência a essa ideia que a Conferência, com suas resoluções, representava. Aliás, por isso mesmo: as resoluções exigiam uma afirmação que não se realizou.

sob um aspecto particular, e os operários dedicam-se na sua avaliação de uma forma específica. As uniões de operários não podem ser absolutamente idênticas em Newcastle e em Barcelona, em Londres e em Berlim. Na Inglaterra, por exemplo, a classe operária tem o caminho livre para engajar-se no poder político. A insurreição seria uma loucura em um lugar onde uma agitação pacífica serviria à mesma finalidade de forma mais rápida e segura. Na França centenas de leis repressivas e um antagonismo mortal entre as classes parecem exigir a solução violenta da guerra social. A escolha dessa solução cabe à classe operária daquele país. A Internacional não se permite prescrever nada nesse sentido, nem dá sugestões. Mas, em qualquer momento, fornece seu suporte e sua ajuda nos limites estabelecidos pelos seus regulamentos.¹²

É sabido que uma resolução do primeiro congresso da Internacional, o de Genebra de 1866, inspirada por Marx, apontou os sindicatos e as greves como instrumentos idôneos de luta contra o sistema assalariado, tomando as distâncias tanto da posição dos proudhonianos, em que o discurso negligenciava a política sindical em favor das cooperativas de produção, quanto da dos lassallianos, expressa pela “lei de bronze” do salário com o corolário da inutilidade da luta sindical (Bravo, 1979, p.96-97). E, todavia, a perspectiva política de Marx é diferente. Nesta entrevista de julho de 1871, ele afirma que uma função da Internacional consiste em coordenar a atuação operária de diferentes países. Por exemplo, neste momento, afirma, ela contrasta a oposição patronal à greve realizada através da importação de operários de outros países, e acrescenta:

Mas a associação não está interessada nas greves, embora em determinadas condições ela as suporte. De um ponto de vista econômico, não é possível ganhar com elas, enquanto é muito fácil perder [...]. A classe operária [...] deve transformar a sociedade. Este é o fim geral de qualquer associação operária; ligas camponesas e operárias, sindicatos e sociedades de ajuda mútua, cooperativas de consumo e cooperativas de produção são apenas meios para esse fim. Estabelecer uma perfeita solidariedade entre essas organizações é a tarefa da Associação Internacional. (Marx; Engels, 2008, p.635)¹³

12 Relatório de uma entrevista de Karl Marx publicada no *The World* (Marx; Engels, 2008, p.634). Posição reiterada no discurso de Amsterdã de 18 de setembro de 1872, que encerrava o congresso da Internacional realizado em Haia: “O operário um dia terá que tomar o poder político para fundar a nova organização do trabalho [...]. Nós nunca exigimos que para chegar a este fim os meios fossem idênticos em todos os lugares. Sabemos quanta importância têm as instituições, os costumes e as tradições dos diferentes países, e não negamos que tenham alguns países como a Inglaterra, a América e, se bem conheço vossas instituições, acrescentaria a Holanda, em que os trabalhadores podem alcançar seu objetivo com meios pacíficos” (apud Gerth, 1958, p.236).

13 Ver também as palavras de Marx em *Ao presidente e ao comitê executivo da Associação geral dos operários alemães*: “Percebo com prazer que o programa do vosso congresso estabeleceu os pontos que, de fato, devem constituir o início de cada movimento autêntico dos trabalhadores: mobilização para a plena liberdade política, regulamentação da jornada de trabalho e sistemática cooperação

De fato, como ele havia afirmado em *Salário, preço e lucro*:

Ao mesmo tempo, e absolutamente fora da servidão geral que o regime de salarizado implica, os operários não devem sobrestimar o resultado final dessa luta cotidiana. Não podem esquecer que lutam contra os efeitos e não contra as causas desses efeitos, que o que fazem é refrear o movimento descendente, mas não alterar seu rumo; que aplicam paliativos, e não a cura da doença. Por conseguinte, não se devem deixar absorver exclusivamente por essas escaramuças inevitáveis que provocam o nascimento constante das usurpações ininterruptas do capital ou as variações do mercado. (Marx, 1984, p.56-57)

E mais ainda, no relatório do discurso de Marx para o sétimo aniversário da Internacional, em que reaparece a menção à derrota da Comuna:

Destruindo as condições existentes de opressão, transferindo todos os meios de trabalho para o trabalhador produtivo, e obrigando, portanto, cada indivíduo com constituição sadia a trabalhar para ganhar a vida, a única base adequada para uma direção e opressão de classe teria sido removida. Mas antes que uma mudança como essa pudesse ser implementada, teria sido necessária uma ditadura proletária, e sua primeira condição era um exército proletário. As classes trabalhadoras teriam tido que conquistar o direito à emancipação no campo de batalha. A tarefa da Internacional era de organizar e unir as forças do trabalho para a luta iminente. (Marx; Engels, 2008, p.707)

As mesmas ideias já ilustradas na seção final de *A miséria da filosofia*, intitulada “As greves e as coalizões de operários”, em que Marx elogia o fato de que na Inglaterra não tenha se limitado a alianças parciais, focadas em greves passageiras, mas que, ao contrário, tenham se criado alianças permanentes, *trade-unions* que encontraram seu ponto de união na National Association of United Trades (Marx, 1968, p.65 ss.; Idem, 1993, p.114 ss.). Marx não considera, portanto, a luta para o salário (e para a jornada de trabalho, as garantias etc.) como a função principal das alianças sindicais, mas sim a constituição da associação operária, a formação da classe operária em si, “*classe pour elle-même*”, conforme escreve nesse texto.¹⁴

no nível internacional da classe trabalhadora, em vista da importante tarefa histórica que ela tem que realizar em favor da sociedade inteira” (apud Bravo et al., 2018, p.9). Ver também, no mesmo volume, a conclusão do Quarto relatório anual do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, redigido por Marx e adotado no dia 1º de setembro de 1868, em que a principal razão de vida da Internacional é vista na necessidade de uma ligação internacional que consiga preencher as lacunas de uma organização transnacional dos movimentos operários dos diferentes países (ibid., p.16).

- 14 Ver também o que Marx escreve nos *Manuscritos de 1844*: “Quando artesãos comunistas se unem, vale para eles, antes de mais nada, como finalidade, a doutrina, propaganda etc. Mas, ao mesmo tempo, eles se apropriam, dessa maneira, de uma nova carência, a carência de sociedade, o que aparece como meio, tornou-se fim. Este movimento prático pode-se intuir nos seus mais brilhantes

Claro, a democratização da vida política e as conquistas operárias, inclusive por meio da greve, eram consideradas como objetivos importantes; além disso, os sindicatos unidos podem, se não suprimir, pelo menos limitar os efeitos da concorrência; mas estes não são objetivos finais. Basta pensar na necessidade de obter a redução do limite legal da jornada de trabalho a oito horas, como “condição preliminar, sem a qual abortarão todas as tentativas posteriores de melhoria e emancipação”, ilustrada por Marx nas *Instruções para os delegados do Conselho Geral provisório sobre as diferentes questões* para o Congresso de Genebra (Bravo, 1978, p.174). A redução da jornada de trabalho, observava Marx em *Salário, preço e lucro*, era disciplinada apenas por meio da intervenção legislativa:

Sem a pressão constante dos operários, agindo de fora, semelhante intervenção nunca teria se produzido. De qualquer modo, o resultado não seria obtido através de acordos privados entre operários e capitalistas. A própria necessidade de uma *ação política geral* constitui prova de que, na luta puramente econômica, o capital é o mais forte. (Marx, 1984, p.53)

Comenta Bravo:

Fazia sentido portanto – aliás, tornava-se prioritário – não despertar, mas sim guiar cada luta operária, fazendo que a classe operária inteira aproveitasse delas, generalizando-as não através de uma hipotética “impaciência revolucionária”, mas sim em virtude de uma organização mais coesa, com intentos socialistas e que agisse no campo político. (Bravo, 1979, p.39)

A Conferência de Londres e a ruptura com as *trade unions*

No verão de 1871, conforme as atas do Conselho Geral, Engels solicita repetidamente a convocação de uma conferência extraordinária, uma conferência privada, que é aprovada na reunião do dia 25 de julho (Marx; Engels, 2008, p.641). Marx e Engels não só propõem e animam essa conferência, que é realizada em Londres do dia 17 ao dia 23 de setembro daquele ano, mas depois de seu encerramento, insistem – conforme o relatado nas atas das reuniões do Conselho Geral – para que suas resoluções sejam traduzidas, comunicadas às seções de todos os países e implementadas. Na reunião do Conselho Geral do dia 15 de agosto, Marx,

resultados quando se vê operários (*ouvriers*) socialistas franceses reunidos. Nessas circunstâncias, fumar, beber, comer etc. não existem mais como meios de união ou como meios que unem. A sociedade, a associação, o entretenimento, que novamente têm a sociedade como fim, basta a eles; a fraternidade dos homens não é nenhuma frase, mas sim verdade para eles, e a nobreza da humanidade nos ilumina a partir [dessas] figuras endurecidas pelo trabalho”. O *associar-se* dos operários, meio necessário para a luta e as reivindicações, que são limitadas a uma melhoria de suas condições dentro da sociedade capitalista, torna-se o fim, a superação do capitalismo em direção à “sociedade” (Marx, 2004, p.146).

apoiado por Engels, já havia anunciado que a conferência deveria abordar apenas questões organizacionais e políticas, e não questões teóricas.¹⁵ Na primeira sessão da conferência, no dia 17 de setembro de 1871, Marx declara qual é seu objetivo:

O Conselho Geral convocou uma conferência para encontrar um acordo com os delegados dos diferentes países acerca das medidas a serem adotadas para enfrentar as ameaças que a associação sofre em um grande número de países e para formar uma nova organização que atenda às necessidades da situação. 2º para elaborar uma resposta aos diferentes governos que trabalham incessantemente para destruir a associação com todos os meios que eles possuem. E, por fim, para resolver definitivamente o conflito suíço [que era um conflito provocado pelos bakuninistas]. (ibid., p.659)

Conforme um outro relato, o de Johann Georg Eccarius no artigo anônimo publicado no *The Scotsman* em outubro de 1871, Marx teria afirmado que a conferência

tornou-se necessária por causa de circunstâncias extraordinárias [...]. Sua tarefa era a de decidir o que dizia respeito à tática, à política e à organização dentro dos limites impostos pelos regulamentos existentes e de elaborar medidas apropriadas para implementar de forma mais eficaz esses regulamentos. (ibid., p.841)

Não se tratava de um congresso e seus poderes eram mais limitados. A Conferência de Londres elaborou, porém, 17 resoluções, redigidas por Marx e Engels (o qual teve o papel mais importante no trabalho de redação), que foram impressas em inglês, francês e alemão.

Nas atas das sessões desta conferência é possível acompanhar o debate que levou a essas resoluções. Nelas estão presentes afirmações de Marx e de Engels que mostram uma grande distância em relação às *trade unions* – aliás, trata-se de opiniões que marcam uma ruptura com a linha de conciliação mantida pelos próprios Marx e Engels até aquele momento:

As *trade unions*, diz [Marx], são uma minoria aristocrática – os operários pobres não podem fazer parte delas: a grande massa dos operários, que a cada dia o desenvolvimento econômico empurra do campo para a cidade, fica por muito tempo fora das *trade unions*, e a massa mais desgraçada nunca faz parte dela; a mesma coisa vale para os operários nascidos nos bairros orientais [*East End*] de Londres; um de cada nove pertence aos sindicatos – os camponeses, os diaristas nunca vão

15 “O cidadão Marx propôs que a Conferência privada a ser realizada se limitasse exclusivamente a questões de organização e de linha de conduta. Pensava que nas circunstâncias atuais a questão da organização fosse a mais importante; o cidadão Engels o apoiou. Os debates teóricos não tinham valor algum sem ser publicados, e esta Conferência tinha que ser privada” (Marx; Engels, 2008, p.651).

fazer parte dessas associações. As *trade unions* não podem nada por si só, elas vão permanecer uma minoria, não têm poder algum sobre a massa dos proletários, enquanto a Internacional atua diretamente sobre esses homens, não precisa de sua organização para envolver os operários; a ideia internacional os seduz de imediato – ela é a única sociedade que deixa os operários totalmente confiantes. [Engels:] As *trade unions* têm mais sabedoria econômica, mas os operários que estão fora dessas associações têm mais justiça e bom senso – onde não há *trade unions* os operários se entendem perfeitamente. [Marx: as *trade unions*] nunca conseguiram fazer algo sem precisar de nós – até as mais organizadas – as que têm seções nos Estados Unidos – ficaram por fora do maior movimento revolucionário da Inglaterra [o cartismo]. Desde que existe a Internacional é diferente – se elas querem usar sua força, com a nossa ajuda, elas podem tudo – havia um parágrafo de seus estatutos que lhe proibia de dedicar-se à política – elas fizeram atos políticos apenas sob a influência da Internacional. (ibid., p.670-672)

Aqui Marx e Engels estão comentando a proposta do proudhoniano francês Victor Alfred Delahave, que previa, entre outras coisas, a formação “para cada grupo de ofícios [de] uma federação internacional de todos os grupos geograficamente isolados e federados” (ibid., p.843). E Marx a este respeito reafirmava a necessidade da centralização através do Conselho geral: “se [os grupos] quiserem, em alguns casos, corresponder com eles, que o façam por intermédio do Conselho geral. [Marx] nega que isso seja a Comuna do porvir pois seu projeto está baseado na divisão do trabalho, causa principal da servidão dos operários – isto pode melhorar um pouco o destino dos operários, mas não pode ser apresentado como um ideal” (Marx; Engels, 2008, p.671). Essa tomada de posição contra o “sindicalismo internacional” encontra-se na Resolução VII da Conferência, focada justamente nas relações internacionais das *trade unions*, e voltada a estabelecer uma regra nas relações entre o Conselho geral e os sindicatos: “O Conselho geral está convidado a apoiar, assim como no passado, a tendência crescente das *trade unions* dos diferentes países a entrar em contato com as *trade unions* do mesmo ofício de todos os outros países”, reivindicando, porém, para o Conselho Geral, a função de “intermediário internacional” (Marx; Engels, 2008, p.420).

As grandes vitórias obtidas pelo movimento sindical inglês, o Master and Servant Act, o New Factory Act, o Reform Act (1867), até a lei sobre as *trade unions* de 1871 (a chamada Lei Bruce), haviam transformado as *trade unions* em uma organização perfeitamente legal e institucionalizada. A partir de 1868 as inscrições de *trade unions* na Internacional, que até aquele momento estavam crescendo, se interrompem, e as *trade unions*, que eram sociedades filiadas à Internacional, e não seções, decidem focar exclusivamente sua atividade sobre as questões inglesas, reduzindo os contatos com a Internacional (Postgate, 1920, p.111-112 apud Mólner, 1963, p.116-117). Antes do surgimento da Comuna de

Paris, Marx e Engels haviam apostado muito nas *trade unions*,¹⁶ apoiando-as em suas lutas. A distância entre a política internacionalista do Conselho Geral e a política reformista nacionalista das *trade unions* apresentou-se de forma clara justamente em 1871, com a antipatia mostrada pelo mundo operário inglês em relação à Comuna.¹⁷ No entanto, haviam se apresentado conflitos já antes, por exemplo em novembro de 1867 sobre a questão irlandesa e sobre os fenianos quando do processo de Manchester contra eles.¹⁸

É oportuno lembrar aqui que a própria relação com as *trade unions* havia inicialmente despertado o interesse de Marx em aderir à Internacional em 1864. Depois das repercussões de 1848, Marx, como é sabido, abandonara a luta prática, mas assistindo à constituição da Associação Internacional, percebera que com ela teria sido possível influenciar os eventos políticos. Ele escreveu para Weydemeyer depois da fundação da Internacional:

O Comitê Internacional dos Trabalhadores formado recentemente não é secundário. Seus membros ingleses são principalmente os dirigentes dos sindicatos, quer dizer, os verdadeiros senhores do trabalho de Londres, os homens que organizaram a tremenda recepção para Garibaldi e o grande encontro no St. James's Hall (sob direção de Bright) que impediu Palmerston de declarar guerra contra os estados do norte, como pretendia. [...]. Apesar de durante muitos anos eu me recusar sistematicamente a participar de qualquer “organização”, desta vez aceitei porque aqui há a possibilidade de fazer alguma coisa realmente boa. (Mehring, 2014, p.318)

Uma outra carta de Marx, dessa vez para Ludwig Kugelmann, de 13 de outubro de 1866, mostra como Marx procurava transformar o London Trades Council, órgão central das *trade unions*, na “seção britânica” do Conselho Geral da Internacional, pois, se isso acontecesse, conforme Marx, “a direção da classe operária passaria aqui *in a certain sense* para nós e nós poderíamos *push on* muito

16 Neste sentido, Bravo enfatiza o apoio à fundação da *Reform League* por parte de Marx e Engels em 1865 (Bravo, 1979, p.95). E ainda em janeiro de 1870 Marx expressa sua própria opinião em relação à Inglaterra e às *trade unions* na comunicação privada inserida na comunicação confidencial de 28 de março de 1870 (Molnár, 1963, p.121-122).

17 Ver, na ata da reunião do Conselho Geral do dia 8 de agosto de 1871, o desabafo de Engels a este respeito: “O cidadão Engels disse que agora estava claro que não era mais possível receber socorro para os refugiados por parte da burguesia, e que era necessário experimentar qual o caráter da classe operária. Ele pensava que as classes trabalhadoras na Inglaterra tivessem se comportado de forma ignominiosa, e que embora os homens de Paris tivessem arriscado sua vida, os operários ingleses não fizeram nenhum esforço nem de solidariedade nem de assistência. Neles não havia nenhuma vida política – queria propor “que se faça um apelo aos operários ingleses em favor dos refugiados” – se eles não tivessem feito nada, que sua conduta fosse denunciada” (Marx; Engels, 2008, p.649).

18 O texto redigido por Marx sobre o posicionamento da Associação Internacional dos Trabalhadores e o processo de Manchester, que não foi publicado pelos jornais reformistas das *trade unions* (Bravo et al., 2018, p.3).

o movimento” (Marx; Engels, 1974, p.581). A tentativa faliu por causa da oposição de seus membros reformistas. Ainda em 1868 o esforço de Marx para incluir as *trade unions* era incondicional (Bravo et al., 2018, p.23-25).

Enfatizar esse aspecto, assim como as cartas a Weydemeyer e a Kugelmann, é altamente significativo, pois sempre foi considerada como causa do fim da Primeira Internacional a polêmica entre Marx e os anarquistas, mas raramente percebe-se que o projeto marxiano da Primeira Internacional nasce quando ele acha possível uma aliança ou mesmo uma colaboração com as *trade unions* inglesas e termina quando as *trade unions* tomam definitivamente distância da Internacional. A este respeito, as resoluções sobre as *trade unions* marcam a derrota do projeto marxiano. Em particular, vale lembrar a Resolução XII, que autoriza a criação de um Conselho federal inglês,¹⁹ enquanto, até aquele momento, essa tarefa tinha sido levada adiante, na Inglaterra, pelo próprio Conselho Geral. A moção relativa a essa resolução foi proposta pelo próprio Marx durante a Conferência de Londres, com o argumento de que no passado havia se procurado evitar a formação de um Conselho federal para a Inglaterra. Isso para que os operários ingleses, representados diretamente pelo Conselho federal, fossem educados no internacionalismo proletário, impedindo dessa forma que a burguesia assumisse o controle do movimento operário nacional. Até aqui tudo claro. A razão pela qual foi autorizada a formação do Conselho federal inglês, ao contrário, deixa muitas dúvidas: a carga de trabalho levada adiante pelo Conselho geral após a Comuna teria exigido a formação de um Conselho federal separado para a Inglaterra; além disso, a educação dos operários ingleses já teria terminado (Marx; Engels, 2008, p.683-684). A moção de Marx foi votada por unanimidade depois de um breve debate. A verdadeira razão estava no fato de que Marx não tinha conseguido juntar as *trade unions* à sua própria política. Marx admitia assim que elas haviam utilizado a Internacional e agora, ele, preferindo autorizar seu afastamento, estava obrigado a reconhecer o fracasso de sua tentativa de hegemonia sobre o proletariado inglês.²⁰ Dessa forma, porém, terminava de fato a Primeira Internacional, que sofreu o golpe mortal com a cisão de todas as federações anarquistas. Por outro lado, começava a época dos partidos políticos, em que a organização transnacional do movimento operário encontrou dificuldades ainda maiores que aquelas sofridas nos anos da Primeira

19 Este o texto da Resolução: “A Conferência convida o Conselho Geral a avisar as seções inglesas em Londres para formarem um comitê federal para Londres que, depois de ter entrado em contato com as seções da província e as associações filiadas, será reconhecido pelo Conselho Geral como *Conselho federal para a Inglaterra*” (Marx; Engels, 2008, p.423).

20 Conforme G. Berta (1979, p.10 ss.), Marx teria desde o começo interpretado a política inglesa em uma chave exclusivamente “industrialista”, isto é, interpretando de imediato como político o conflito entre trabalho assalariado e capital. Portanto, ele teria pensado, de um lado, que o trabalho assalariado fosse já por si só o elemento unificador da classe operária, e do outro que a força propulsiva do capital teria extinguido em um certo momento o peso econômico e político da renda. Daí a incompreensão por parte de Marx das dinâmicas da política inglesa e, portanto, da atuação política das *trade unions*.

Internacional. Quanto a Marx, nos anos seguintes, acabou refletindo cada vez mais sobre as possibilidades da revolução além do grande centro inglês do capital.

Referências bibliográficas

- AA.VV. *Storia del marxismo I. Il marxismo ai tempi di Marx*. Torino: Einaudi, 1978.
- BRAVO, G. M. *Marx e la Prima Internazionale*. Bari: Laterza, 1979.
- BRAVO, G. M. (org.). CERETTA, M.; RAGONA, G. *Marx & Engels Scritti. Novembre 1867 – luglio 1870*. Milano: Pantarei, 2018.
- BERTA, G. *Marx, gli operai inglesi e i cartisti*. Milano: Feltrinelli, 1979.
- GERTH, H. (ed.). *The First International: Minutes of the Hague Congress of 1872, with Related Documents*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1958.
- GUILLAUME, J. K. *Marx pangermaniste et l'Association Internationale des Travailleurs de 1864 à 1870*. Paris: S/E, 1915.
- HAUPT, G. Da Marx al marxismo. In: HAUPT, G. *L'Internazionale socialista dalla Comune a Lenin*. Trad. de R. Cazzola. Torino: Einaudi, 1978.
- HOBSBAWM, E. J. Karl Marx e o movimento operário inglês. In: HOBSBAWM, E. J. *Os revolucionários: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MARX, K. *Salário, preço e lucro*. São Paulo: Global Editora, 1984.
- _____. *Misère de la philosophie. Réponse à la "Philosophie de la misère" de Proudhon*. Paris: Editions Sociales, 1968.
- _____. *Miseria della filosofia*. Trad. F. Rodano. Roma: Editori Riuniti, 1993.
- _____. Second Draft of The Civil War in France. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Collected Works*. v.XXII. London: Lawrence; Wishart, 1986.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Trad. J. Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. Glosas Críticas Marginais ao artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social". *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v.3, n.1, p.142-155, fev. 2011a.
- _____. *A Guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011b.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Opere complete* (MEOC). XLII. *Carteggio 1864-1867*. Organização de M. Montinari. Roma: Editori Riuniti, 1974.
- _____. Istruzioni per i delegati del Consiglio generale provvisorio sulle singole questioni. In: BRAVO, G.M. (Org.). *La Prima Internazionale. Storia documentaria*. v.I. Roma: Editori Riuniti, 1978.
- _____. *Opere complete* (MEOC), XXII. Luglio 1870 – ottobre 1871. Organização de M. Vanzulli. Napoli-Roma, La Città del Sole: Riuniti, 2008.
- MAZZINI, G. Agli operai italiani. *La Roma del Popolo*, n.20, 13 lug. 1871.
- MEHRING, F. *Karl Marx. A história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2014.
- MOLNÁR, M. *Le déclin de la première Internationale. La Conférence de Londres de 1871*. Genève: Librairie Droz, 1963.
- TOMBA, M. *Strati di tempo. Karl Marx materialista storico*. Milano: Jaca Book, 2011.

Resumo

Esse texto ilustra a continuidade da posição marxiana sobre as finalidades da ação sindical pelo movimento operário e em particular destaca a centralidade da

relação que Marx quis estabelecer com as *trades unions* inglesas. Sem descuidar, como causa do fim da Primeira Internacional, da importância do conflito com os anarquistas de várias federações, nem o horizonte novo dos partidos políticos socialistas nacionais, salienta-se aqui uma outra causa: o fracasso marxiano em utilizar as *trade unions* para a política da Internacional. Na Conferência de Londres de 1871, Marx concede e até propõe o que sempre tinha impedido: a criação de um Conselho federal inglês da Internacional. Interpreto esse ato como uma rendição por parte de Marx e o fim de um eixo central do seu projeto internacionalista. Essa pesquisa sobre o Marx internacionalista contribui para mostrar de maneira concreta o caráter redutivo tanto das leituras, que estão na moda hoje, que fazem de Marx um teórico da autonomia da política, quanto das leituras que consideram Marx um filósofo da história vinculado fundamentalmente ao caráter emancipador da determinação econômica.

Palavras-chave: Marx; Internacional; sindicatos; Grã-Bretanha; política.

Abstract

This article discusses the relations between the working class movement and the unions, with special attention to the relation between Karl Marx's project for the First International and the English *trade unions*. It also examines the causes that led to the end of the First International: the conflict with the anarchists, the rise of the Socialists parties and in particular, it stresses the failure of the Marxian position to use the trade unions in International politics. In the London Conference of 1871, Marx abandons his original international project and proposes the creation of an English Federal International Council. This research centered in Marx as an internationalist contributes in a concrete manner to point the reductive character of some readings of Marx as a theoretician of political autonomy and as an historical philosopher mainly associated with the power of emancipation of economic determination.

Keywords: Marx; International; *trade unions*; Great Britain; politics.